

PRIMEIRAS
IMPRESSÕES
DE UMA
PAISAGEM

EXPOSIÇÃO ↑

JOÃO NISA

CURADORIA DE NATXO CHECA

DE 6 DE OUTUBRO DE 2022
A 7 DE JANEIRO DE 2023
NA GALERIA ZÉ DOS BOIS

Primeiras Impressões de uma Paisagem é uma instalação concebida a partir do primeiro material que filmei no interior do Aqueduto das Águas Livres para um projecto mais abrangente que aí desenvolvo há já algum tempo, o qual irá resultar na elaboração de vários objectos distintos.

Na origem deste trabalho encontra-se a investigação anteriormente realizada por Diogo Saldanha em torno da relação do Aqueduto com o princípio fotográfico, assente na descoberta da semelhança estrutural de algumas das suas galerias com o dispositivo da *camera obscura*, e da possibilidade de, através de uma pequena intervenção sobre as aberturas nelas existentes, acentuar a projecção de imagens invertidas da realidade exterior sobre as suas paredes.

Tomando uma intervenção deste tipo como ponto de partida, o projecto que tenho vindo a realizar assenta na filmagem directa de algumas das imagens assim trazidas à visibilidade num troço específico do Aqueduto, situado nos arredores de Lisboa, junto à zona das nascentes de água. Essas imagens surgem projectadas sobre as irregularidades das paredes de pedra, com as quais se fundem até à quase completa indistinção, correspondendo a uma série de pontos de vista fixos sobre a paisagem envolvente e sendo os seus próprios enquadramentos mecanicamente determinados pelos vãos das aberturas por onde penetra a luz.

O processo técnico envolvido neste trabalho veio a revelar-se particularmente complexo, sobretudo devido à ténue luminosidade das projecções e às suas grandes dimensões face à muito reduzida largura das galerias, constituindo um aspecto central do projecto, desde o início, a captação da integralidade dos seus enquadramentos originais. As filmagens têm assim consistido no registo da diversidade de pequenos acontecimentos (o vento nas árvores, os movimentos dos animais, a passagem de viaturas) que se produzem no interior de imagens fortemente estratificadas de uma paisagem concreta, as quais são de seguida trabalhadas de modo a eliminar as marcas da sua forma de produção e da sua inscrição no interior de uma determinada

estrutura espacial. O som gravado paralelamente à captação das imagens é constituído pelas modulações da água que continua a correr nas condutas do Aqueduto (apesar do carácter obsoleto da construção), bem como pelos diversos elementos provenientes da realidade circundante que penetram nas suas galerias, numa sobreposição de interior e exterior até certo ponto equivalente à da componente visual.

O projecto centra-se deste modo nas propriedades geradoras de imagens de um monumento arquitectónico de características singulares, propondo um estudo despersonalizado de uma paisagem caracterizada pela conjugação de elementos naturais e de inúmeras marcas da presença e da intervenção humana, mas também, de forma mais geral, uma reflexão em acto sobre as próprias possibilidades da representação da paisagem.

A instalação agora apresentada na Galeria Zé dos Bois assenta nas ideias de série e de percurso contínuo, as quais procedem do contexto original onde o material foi filmado, mas afasta-se declaradamente desse referente, reconfigurando as várias salas da galeria de modo a estabelecer um espaço de relações entre as imagens e os sons tendencialmente abstracto.

Através da duração das projecções e da sua forma de apresentação, a instalação *Primeiras Impressões de uma Paisagem* procura criar as condições para que cada uma delas possa ser apreendida em toda a sua riqueza e singularidade, mas também como parte integrante de uma cadeia, visando proporcionar uma intensa experiência perceptiva e sensorial.

João Nisa

É como se, de ano para ano, de mês para mês, o intervalo entre a imagem que se anima e aquela que permanece imóvel se fosse reduzindo cada vez mais, até a um limite em que deixasse de ser perceptível para um olho exclusivamente humano. Mas entretanto, de forma surpreendente, alguns cineastas-artistas comportam-se como se, apesar de tudo, um intervalo devesse ser preservado entre as duas imagens, e continuam, imperturbavelmente, a trabalhá-lo, sempre a afiná-lo. João Nisa é um deles.

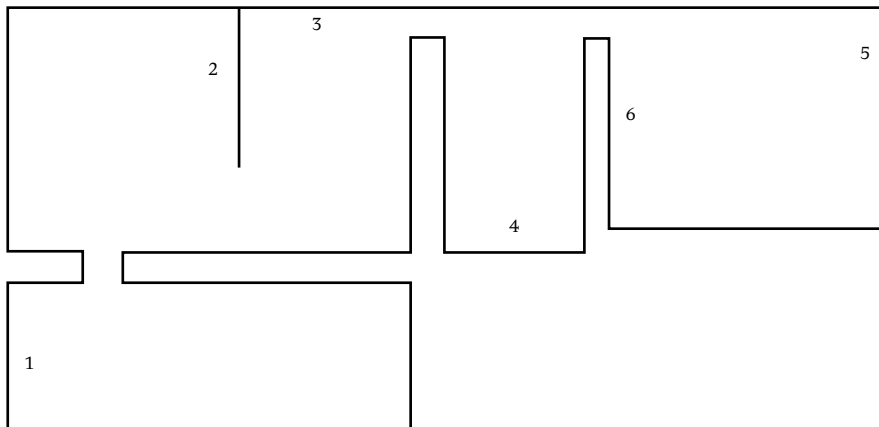
Percorrendo as várias salas nas quais se encontram dispostos os seis ecrãs de *Primeiras Impressões de uma Paisagem*, há desde logo o que já conhecemos: a decisão de João Nisa de utilizar a estrutura singular de um segmento do Aqueduto das Águas Livres, construção hoje desafectada – depois de, a partir do séc. XVIII, ter abastecido de água a cidade de Lisboa –, embora ainda parcialmente activa. E isso com o propósito de aí proceder, sobre uma série de aberturas existentes nas suas paredes, a uma operação sábia e radical, permitindo transformar alguns desses espaços em outros tantos dispositivos assentes no princípio da *camera obscura*. De tal forma que os elementos da realidade exterior são automaticamente projectados sobre as paredes da edificação, originando imagens surpreendentes, de seguida confiadas a uma pura ética do registo. Lembramo-nos da estratégia elaborada durante dois anos por James Benning para captar em dezasseis viagens as transformações sofridas ao longo das várias estações pela obra-prima de Robert Smithson, *Spiral Jetty*, de modo a conceber, em 2007, o seu filme *casting a glance*, o qual evoca, em 78 planos com a duração aproximada de um minuto, a vida metamórfica do monumento de Smithson. E lembramo-nos tanto mais quanto as imagens aqui expostas por João Nisa como outros tantos quadros animados se inscrevem igualmente na realidade de um filme em curso de finalização, que lhes duplica sensivelmente o número – também intitulado *Primeiras Impressões de uma Paisagem* –, e que o cineasta continua a trabalhar no Aqueduto das Águas Livres com vista à realização de um segundo filme mais longo.

E depois, há sobretudo aquilo que vemos nesses seis planos da exposição. Planos de durações variáveis, entre os oito e os onze minutos aproximadamente, com excepção do último, com pouco menos de quatro minutos. Planos contranatura, no duplo sentido que este termo pode assumir, dado que incidem sobre fragmentos de paisagens, e que o fazem opondo-se a qualquer realismo da visão, em função da repartição material que os divide sensivelmente ao meio. Nos cinco primeiros planos, os diferentes elementos de uma paisagem, constituída por um terreno parcialmente coberto de ervas e com árvores agitadas pelo vento, encontram-se na sua maioria agrupados na parte inferior da imagem, enquanto a parte superior, circunscrita de acordo com a variação dos elementos reunidos na parte de baixo, deixa adivinhar, através da visibilidade da sua matéria, a presença da parede do aqueduto. Uma matéria febril e diversa, cuja equivalência menos inadequada se situaria entre os céus das pinturas de El Greco, de Strindberg ou de Monet.

Se, como é suposto, seguirmos a ordem das projecções, somos surpreendidos pelo facto de que os planos se povoam progressivamente. A partir do terceiro, aparecem animais, que se dispersam pelo enquadramento; reparamos também, de forma intermitente, nas passagens elípticas de viaturas quase totalmente escondidas pelas árvores, numa estrada que só essas passagens deixam adivinhar mais acima na imagem (uma perversão do olhar pode ainda detectar um discreto efeito de rima entre os minúsculos traços luminosos produzidos pelas viaturas e os voos de pássaros ou de borboletas brancas na parte de baixo da imagem). Depois, no quarto e no quinto planos, surgem alinhamentos irregulares de construções precárias, enquanto as passagens de automóveis e de camiões se acentuam, tanto em frequência como em visibilidade. Tudo isto preparando a inversão que se produz no mais breve e último plano: a parede do aqueduto, cujos empilhamentos de pedras tornam nitidamente reconhecível, ocupa a sua maior parte, desta vez na zona inferior da imagem, enquanto uma banda muito estreita deixa adivinhar, no cimo, algumas ramagens sacudidas pelo vento.

Esta fixidez “obtusa” do último plano, ao vir acentuar aquela que se concentra em todas as partes superiores dos cinco planos precedentes, é a componente que faz surgir, sob a realidade do cinema – reforçada pela presença do som da água –, a fotografia, ou pelo menos um efeito fotográfico. A concentração do olhar requerida durante longos minutos diante de cada plano contribui amplamente para esse facto, não deixando o olho de oscilar entre os subtis movimentos que se acumulam na parte de baixo da imagem, e a fixidez agitada da parede enigmática que constitui a sua parte superior. É espantoso, aliás, que fiquemos tão surpreendidos com aquilo que vemos quando fomos elucidados sobre o processo que permitiu a formação destas imagens, como quando o ignoramos completamente. A tal ponto o que é dado a ver constitui uma anomalia perceptiva: uma sucessão de imagens praticamente impossíveis, que resultam do procedimento utilizado para explorar a singularidade arquitectónica do monumento. Esta impossibilidade fabulosa participa do efeito de suspensão que, através do próprio movimento que anima as imagens, as faz tender para a fotografia. Estas imagens-planos assemelham-se assim a daguerreótipos, aos quais teriam sido insuflados instantes e impulsos de movimento.

Raymond Bellour



Instalação vídeo, 6 projecções HD, 16:9, cor, som
8'29" / 7'26" / 11'18" / 11'07" / 10'56" / 3'41", loop

Imagem, som, montagem e produção: João Nisa

Assistência geral: Joana Ascensão, Luna Rebelo, João Farelo

Correcção de cor: Paulo Américo

Mistura de som: António Porém Pires

Apoio financeiro: Direcção-Geral das Artes, Centre national des arts plastiques (Image/mouvement), Câmara Municipal de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

Apoio: Museu da Água da EPAL, Residência Atelier 105 – Light Cone (Paris)

Apresentada na Solar – Galeria de Arte Cinemática (Vila do Conde), entre 9 de Janeiro e 2 de Maio de 2021

PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE UMA PAISAGEM

João Nisa

CURADORIA

Natxo Checa

PRODUÇÃO

Joana Leão

João Varela

COMUNICAÇÃO

Catarina Rebelo

ASSISTÊNCIA AUDIOVISUAL

Michael Kelly

Olga Matvchk

DESIGN GRÁFICO

Sílvia Prudêncio

Maria Clara Lima (estagiária)

MONTAGEM

Carlos Gaspar

Denys Hubitskyi

Olga Matviychuk

Sérgio Almeida

Valentin Coshuk

Vitalyi Tkachuk

O artista gostaria de agradecer a:

Raymond Bellour, Joana Ascensão, Ricardo Matos

Cabo, Maria João Madeira, Marcelo Felix, Paulo

Américo, Henrique Varanda, Nuno Rodrigues,

Alexandre Estrela, Natxo Checa.

Galeria Zé dos Bois

Rua da Barroca 59, 1200-047

zedosbois.org

De 6 de Outubro de 2022 a 7 de Janeiro de 2023

Segunda a Sábado

18h – 22h

A ZDB é financiada pela República Portuguesa – Cultura / Direcção Geral das Artes e tem o apoio da C.M.L e do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social.